

ENTREVISTA A AMADEU ANTAS

08 de Junho de 2017

ENTREVISTADO: Amadeu Antas

Centro de Mar – Vou só fazer aqui umas perguntinhas, só para ficar o registo, diga-me o seu nome completo se faz favor.

Amadeu Antas – Amadeu de Sousa Morais Antas. Também tenho o meu filho que é muito conhecido que é aquele que está na...faz parte do diretor do hospital, que lhe chamam Amadeu...

Centro de Mar – A sei, sei...não conheço pessoalmente, mas já ouvi falar.

Amadeu Antas – Sim, sim...

Centro de Mar – Hora e data de nascimento?

Amadeu Antas – 17 do 11 de 34...

Centro de Mar – E é natural de onde?

Amadeu Antas – Viana, Santa Maria Maior, Viana do Castelo...

Centro de Mar – É como eu, tinha alguma alcunha ou chegou a ter alguma alcunha?

Amadeu Antas – Cheguei a ter, mas depois de sair de lá, no estaleiro quase tudo tinha...

Centro de Mar – Pois é...e no pessoal que andava embarcado também costumavam ter, mas pode partilhar? Mas qual era a alcunha que tinha?

Amadeu Antas – Chamavam-me poeta...

Centro de Mar – Poeta? Ahh era uma boa alcunha...

Amadeu Antas – Mas isso, até encarregados...ui muita coisa...

Centro de Mar – Aí era?

Amadeu Antas – Era...no meu tempo era...quase todos os que lá andavam tinham, todos, todos alcunha...

Centro de Mar – Diga-me o nome do seu pai.

Amadeu Antas – Francisco Sousa Morais Antas.

Centro de Mar – E da mãe?

Amadeu Antas – Laura de Sousa Morais.

Centro de Mar – Olhe tem o nome da minha filha, também é Laura a minha filha...é um nome bonito. Ora, vamos então começar! Antes de ir para os estaleiros chegou a trabalhar em outra atividade?

Amadeu Antas – Cheguei a trabalhar em várias...

Centro de Mar – Assim por alto só...

Amadeu Antas – Cheguei a estar no Zé da Beira 8 ou 9 meses, serralheiro, e também cheguei ao fim desse tempo todo nem um tostão me chegou a dar, não me pagava como quem diz, não ganhava, eu estava lá e não me davam dinheiro nenhum...

Centro de Mar – Mas trabalhava...

Amadeu Antas – Pois, trabalhava lá. Aos sábados, naquele tempo trabalhava-se aos sábados ia tudo embora e se possível for eu como era um dos mais novos naquela altura, eu e outro estávamos até aí às...o horário era até às 17h estava por exemplo até às 18h,19h a limpar a oficina eu e outro...

Centro de Mar – Muito bem, e em que ano é que vai para os estaleiros?

Amadeu Antas – Em 1950...e depois é que passei para dentro, quer dizer passei para serralheiro, porque naquela altura estavam a sair uns navios e disseram...o meu falecido tio é que foi lá pedir e naquela altura disseram, olhe para já não se pode meter e coisa, eu meto na ferrugem, por acaso até foi um tipo sincero...

Centro de Mar – Foi para a ferrugem?

Amadeu Antas – Fui para a ferrugem no estaleiro, chamavam-lhe a ferrugem até lhe chamavam...aqueles que trabalhavam no ferrugem nas docas eram os plebes...

Centro de Mar – E o que é que faziam nessa...

Amadeu Antas – Era tirar o lodo, aqueles navios que era muito trabalho, nos bacalhoeiros quando entravam e saíam lá no estaleiro para limpar o fundo e coisa...depois a gente andava a tirar o lodo que lá estava, descalço, descalço...eu às vezes quando me lembra isso digo assim “até parece impossível...”, porque eles estavam sempre de...não se podia andar lá descalço, era tudo calçado mas no lodo lá em baixo como é que a gente ia dar e depois até arranjei uns sapatos velhos que de vez em quando davam lá sapatos e calcei-os e andava lá no lodo, eu e outros...a meter lodo numas padiolas e quer dizer, quando havia muito lodo, o barco entrava e saia...punham para lá a funcionar e escoavam a água mas aquilo era lodo mas eles enquanto lá com aquelas máquinas de...máquinas não, aquilo é aquelas pás, eles tiravam com as pás e depois no fim íamos nós limpar o resto, porque aquilo não dava não é, porque não tinha profundidade para apanhar o lodo mas também era um biscate ali pelas escadas acima, por aquelas escadas...também foi muito quilhado...

Centro de Mar – E que idade tinha quando entrou mais ao menos?

Amadeu Antas – Ora nessa altura tinha para aí 16 ou 17 anos...

Centro de Mar – Portanto faz a ferrugem e depois passa para a parte de dentro...

Amadeu Antas – E depois... é que mandaram parte, mandaram não! Depois quando eu estava a trabalhar é que me disseram, num dia que ia pegar a trabalhar, até foi um susto...ainda há pouco tempo contei isto... “Não podes trabalhar”, não posso trabalhar porquê? “ Tens de esperar pá” disse o apontador, para que será e coisa...depois é que quando deu...a gente foi antes de pegar a trabalhar...quando ia dar o ponto é que me disseram “Pá, não se pode trabalhar, não podes trabalhar tens de esperar aí”, eu a fazer contas do que seria...afinal era para depois me dizer, quando deu a hora é que disse

“Vais mudar de secção”, e foi quando eu peguei, saí das docas e fui afetivo, para lá para dentro para a serralharia...

Centro de Mar – Depois entrou para a serralharia e o que é que fazia? Quais eram as suas funções?

Amadeu Antas – Era trabalho de serralheiro...

Centro de Mar – Cortar ferro...

Amadeu Antas – Pois...sim cortar, era portas e aquelas escotilhas para os navios, como é que se diz...aqueles armários para a casa das máquinas, aquelas, tudo aquilo...divisões e tudo aquilo já era com outra secção, havia lá secções não é? Que era disto, daquilo e daqueloutro...mas eu nessa parte era serralharia, trabalhávamos aqueles dobradiças para as portas, fazia-se as portas, abria-se aquilo para aplicar a fechadura...tudo, trabalho assim de serralheiro.

Centro de Mar – E ficou sempre nessa secção depois ou...

Amadeu Antas – Fiquei sempre nessa secção...sempre.

Centro de Mar – E até quantos anos...

Amadeu Antas – Até mais ao menos 88, 89 é mais ao menos quase 89, 1989.

Centro de Mar – Diga-me uma coisa lembra-se do primeiro barco que trabalhou?

Amadeu Antas – O primeiro barco quando eu entrei para lá estavam a começar a construir o Rio Lima, que era um navio à linha depois eles é que fizeram a transformação para arrasto, porque depois à linha não dava muito e coisa e fizeram transformação para arrasto, foi aqui o Rio Lima para Viana do Castelo...

Centro de Mar – E o processo de construção desses navios...

Amadeu Antas – Era tudo cravado, era como um esqueleto, o navio tinham umas chapas, eles furavam as chapas...eram pessoas de Lisboa, mas eram pessoas que sabiam...e aquilo ia tudo para a sala de desenho, que já vinha isso e para a sala do eixo com aqueles moldes em madeira porque aquela

furação para rebites para cravar, chamava-se rebites aquilo vinha tudo ali certinho e então, aquilo era furado e moldado os feitios das coisas por moldes, os moldes era só para ver, não era o molde meter lá e fazer isso, aquilo era tudo à mão, eu quando fui para lá portas e etc. era tudo virado à mão porque não havia máquinas ainda, as máquinas que haviam lá eram máquinas por exemplo, chamavam-lhe saca bocados para fazer aqueles furos nas chapas aí de 6 ou 7 milímetros ou qualquer coisa, tiram uns...que furavam isso tudo e depois aquilo era tudo cravado e depois aqueles moldes que faziam, aquilo era tudo a malho e calor davam com os maçaricos...aquilo também eram pessoas, chamavam-lhe caldeiraria, caldeiraria pesada...

Centro de Mar – E...tem assim mais ao menos ideia de quantos barcos trabalhou na construção ou reparação?

Amadeu Antas – Eu aqui não tenho, mas eu já cheguei a ter aí um livro a construção...o Rio Lima parece-me a construção...um dia posso ver, agora não sei onde terei isso. A construção do Rio Lima era a construção nº11 e chegaram a fazer aqui uns barcos, uns arrastões pequeninos que era...ia do Paiol ia do Pico, Brava, também era ilha Brava tudo assim esses barcos assim pequeninos foram para aí 5 barcos que eu ainda cheguei a ver lá no fim, já estavam mesmo a acabar nessa altura e o Rio Lima...foi mesmo quase o início dele e depois então nem se falava...eu quando fui para lá ainda bem falavam no Gil Eannes porque o Gil Eannes foi feito parece-me a mim que começou em 1953...

Centro de Mar – Sim, sim...eu sei que ele foi encomendado em 52 é, é, começou por essa altura.

Amadeu Antas – E depois mais ao menos terminou em 55, mas isso ainda demorou alguns anos, para aí 2 anos ou 3, qualquer coisa, também agora já vai à muitos anos isso e depois vai-se fazer um navio para a assistência à frota bacalhoeira, existia um mas esse já estava muito velho já existia não sei se era Gil Eannes...

Centro de Mar – Gil Eannes 1, este seria o 2 que era veleiro...

Amadeu Antas – Era, era...mas eu nunca cheguei a ver esse barco.

Centro de Mar – Mas tinha também a função navio-hospital?

Amadeu Antas – Era, era, navio-hospital...parece-me a mim que esse era em madeira...agora este é que...eu quando fui para lá ainda nem sequer falavam no navio, ainda nem sequer falavam no barco...passando alguns anos para aí 53, era, era, para aí 2 anos depois de lá estar é que começaram a falar, “É pá vai-se fazer um barco grande”, para assistência à frota bacalhoeira e tal, o Gil Eannes...e depois então foi quando começou a vir a chapa e a gente não estava habituada assim a chegar tanta chapa e depois então é que começaram a fazer, também é um barco todo cravado, à antiga mesmo...eu quando fui para lá era só barcos cravados.

Centro de Mar – E o que é que se lembra da altura do Gil Eannes? Chegou a trabalhar nele?

Amadeu Antas – Muito, e muito serão até à meia noite...

Centro de Mar – Ai foi e consegue contar-me mais ao menos uma vez que o navio cá está e faz parte aqui da nossa história...

Amadeu Antas – Esse Gil Eannes eu andei a trabalhar muito tempo, andei a trabalhar em portas e ainda me lembro de alguns serviços, eu naquela altura era ajudante não é, ajudava...aquelas portas que era na chaminé que era uma e outro de um lado e outra do outro, tinha assim o seu feitio...era meia torcida que era quando a porta fechava, puxava tudo...a ventilação do navio era tudo cortado com uma máquina elétrica, porque aquelas curvas e coisa aquilo à mão, era com uma “fonceta”, havia coisas que dava para cortar com a tesoura que dava que tenha as lâminas rem baixo e fazia assim, para aí assim deste tamanho, para aí 15 cm...

Centro de Mar – Mas era para cortar chapa?

Amadeu Antas – Sim, mas aquilo também era fino, cortava por exemplo até 2 milímetros de coisa...mas como a chapa da ventilação levou muita e aquilo é chapa de... tem 1 milímetro e tal, 1 milímetro e 20 qualquer coisa...chapa fininha, chapa zincada e aquilo era tudo cortado à mão havia curvas, quando é assim uma curva para fora cortava mas agora quando era a curva para dentro não se pode porque depois a lâmina...fazer assim mas ao fazer a curva não

dava aquilo depois com a “fonceta” é que se cortava limava-se e coisa...aquilo era...havia coisa que, uii...e depois então é que veio a prensa, as escotilhas e coisa, aquelas tampas escotilhas aquilo era tudo à mão...para virar uma porta era preciso dar-lhe...era um dia para virar, é por isso que às vezes as máquinas e depois aquilo ali quê...e depois quando estavam, quando depois veio uma máquina de virar abas, virava-se aquilo em...30, numa hora para aí 30 portas...para ver a diferença que era...

Centro de Mar – E assim de desafio no Gil Eannes uma vez que era...os Estaleiros nunca tinham construído um navio daquela dimensão...

Amadeu Antas – Foi o maior navio...

Centro de Mar – Deve ter sido um desafio muito grande...

Amadeu Antas – Pois foi, mas aquilo já diziam...naquele tempo foi um navio que deu muito ser aqui a Viana, aos Estaleiros...

Centro de Mar – Ele foi desenhado cá ou o projeto já tinha feito?

Amadeu Antas – Isso eu não sei, mas isso tudo de projetos e assim...aquilo vem tudo de fora...o navio vinha quase de fora. Vinha para a sala do risco, para a sala do desenho e depois do desenho é que vinha...eles faziam ali coisas, davam-nos um planos quais queres, uns desenhos quais queres para a sala do risco para fazer aqueles moldes e coisa e tudo, havia coisas que tinha de fazer aqueles moldes não é, que era para quando a chapa...havia um molde por exemplo em madeira, era muito fininho aquilo, aquela madeira era para aí de 3 milímetros, até dava impressão que era pinho manso, não era assim pinheiro era pinho manso é assim uma madeira mais...

Centro de Mar – A que foi usada no Gil Eannes?

Amadeu Antas – Faziam...e nos outros também era, tudo, faziam aqueles modelos, aqueles moldes que era por exemplo aqui como esta mesa, eles faziam os moldes já, aquilo era uma coisa às tiras não é, às tabuinhas, faziam aqueles moldes que era para depois quando isto mais ao menos tivesse virado punham aqui em cima a ver se aquilo estava direitinho não é, aquilo tinha uns recortes para ver se precisava de ser mais fechado ou não certinho, aquilo era certo, era mesmo certo...

Centro de Mar – Mas lembrasse de haver alguma situação de o pessoal ficar atrapalhado por...

Amadeu Antas – Isso não porque aquilo era tudo por desenho que para se fazer na oficina, nós a oficina tínhamos para aí quê...chegou a ter para aí 70 operários, ferreiros também estavam unidos à nossa coisa, à nossa parte, ainda me lembro de muitos trabalhos que lá se fizeram, no navio Gil Eannes não sei se já reparou à ré naquela parte mais alta tem lá, chama-lhe o gato e reboque que era para rebocar, caso fosse preciso rebocar, rebocava navios também...aquilo parece um coisa mociço, parece uma coisa que era...aquela parte que aquilo lá, aquilo foi feito por um tipo que chamavam-lhe o Manel Vila Franca, tem vários irmãos...era tio daquele que tem aquela garagem na Rua Nova de São Bento, eu dou-me bem com ele

Centro de Mar – Sim, eu sei...conheço de pequenino de ir arranjar as bicicletas...a ele e ao Manel da Ponta...

Amadeu Antas – Eu já conheço à muito anos porque...da Ponta...pois, mas ele agora parece-me que já foi para a...a beira da garagem do Zé pequeno não é?

Centro de Mar – Sim, sim, era pequeno mas já tinha alguma idade...

Amadeu Antas – Mas esse também foi muito metido nas bicicletas, esse, esse...eu também cheguei a lá ir, às vezes comprar assim material mas esse era sobrinho desse tipo, desse ferreiro, chamavam-lhe o Manel Vila Franca, porque depois também tinham um irmão que era o Zé Vila Franca que era serralheiro, mas esse Manel Vila Franca o ferreiro também era um bom ferreiro foi a peça, essa peça foi ele que chegou a fazer isso, chamavam-lhe o gato de reboque não é, ainda está lá...

Centro de Mar – O navio demora mais ao menos dois anos a construir não é?

Amadeu Antas – Aí aquilo, foi, foi...

Centro de Mar – E...foi construído alguma coisa na altura, só trabalhavam no Gil Eannes ou iam trabalhando noutros serviços?

Amadeu Antas – Aí outras coisas...mas haviam alturas que...

Centro de Mar – Não se parou os Estaleiros porá se construir os Gil Eannes?

Amadeu Antas – Aí não, não...o que é que às vezes nós por exemplo eu e um tipo até falecido, já morreu à anos íamos por portas por exemplo os navios mas haviam outras portas que já eram outros que punham lá, de ferro...e às vezes ia-se e colocava-se aquelas portas e depois no fim “Olha aquilo já está pronto e tal...” e já se ia para outro trabalho, outra construção qualquer e depois lá regressávamos ali...

Centro de Mar – Diga-me uma coisa, segredos que haviam da construção, sabe alguma coisa?

Amadeu Antas – Segredos...

Centro de Mar – Alguma coisa que lá esteja que uma pessoa não veja quer na parte mecânica, na parte da estrutura ou alguma coisa de diferente, que não era construído nos outros?

Amadeu Antas – Isso não sei...sabe que antigamente nessa altura, isto era assim, para o fim não, aquilo era toca a andar...por exemplo se estivesse a fazer uma coisa, por exemplo aqui fazia...tivesse aqui uma rebarba e coisa se o encarregado visse “Estás a tirar isto, isso e coisa...”, nem uma coisa pode mexer nisto...e às vezes até se cortavam, ao pegar na rebarbadora e tirava, para qualquer coisa, naquele tempo que eu fui para lá, o Gil Eannes nessa altura, o que eles queriam era aquilo perfeito. Não havia tempo marcado, por exemplo em vez de levar 2 dias, vai levar 3, 4, 5 ou 6 não era assim, mas podia levar 1 dia como 1 dia e meio, nem estava apontado nem nada, hoje em dia, agora apontavam...apontavam a porta, já se fez num dia se aquilo levasse mais umas horas diziam logo “Demorou assim tantas horas...” mas naquele tempo o que eles queriam era o serviço perfeito e no Gil Eannes então nem se falava, aquilo era tudo, levou tubo em cobre, que aquilo era feito tudo inteiro, aquelas curvas e tudo eram...bem, mas isso já não era connosco era a secção da tubagem e a secção tubagem estava ligada a nós, era um pavilhão mas era apegado a nós, mas isso era tudo aqueles tubos era tudo cheio em breu, tubos cheios a breu e depois era curvados, curvados ou em...coisa, e depois aquilo, alguns parece impossível eles ao curvarem o tubo, faziam aquelas, ao curvar, por exemplo o tubo a fazer de conta que era isto assim, ao virar isto era tudo

cheio de coisa que era para ficar mociço ou então de ferro era tudo cheio de areia e então o que é que eles faziam, no fim às vezes quando alguns ficavam amassados, eles com o martelo, o oficial, também, com o martelo, tau, tau batiam aquilo tudo e coisa, davam um calorzinho, se aquilo estava para dentro ao bater vinha para fora, no fim de estar aquilo pronto, também não era...passava-se a mão, fazer de conta que era isto...eram tipos que sabiam agora não...agora é assim, um tubo tem aqui uma curva não é...à curvas já com aqueles certos ângulos, arranjasse uma curva, ora bem, metesse aqui a curva, soldou-se aqui e soldou-se aqui e pronto, já está...aquilo não, aquilo era tudo, tudo virado a calor e etc...o trabalho não era como agora e depois aquilo era para andar, para andar, agora para nadar...não tinha nada que...ainda me lembra aqueles...já tiraram agora aquilo, também tiraram muitos cabos elétricos que lá tinha e cortaram. Aquilo ali tinha cabos elétricos naqueles corredores que uma pessoa vinha para cá para trás, o Mestre Álvaro da eletricidade era o mestre, chegava ali aos corredores começava a ver...aquilo era a fazer de conta um fio de prumo, um fio esticado ali nem fazia curva nem nada...agora não, agora não...agora por exemplo, fazer de conta que isto é o navio não é? Aqui é onde nós estamos e antigamente era tudo à mostra, via-se tudo...agora é assim, os cabos ali era tudo, porque os cabos ali era para ficar à mostra, agora metem os cabos aqui, umas braçadeiras plásticas, prendem-nas para aquilo não andar a baloiçar, uns suportes em ferro e depois vai levar o forro, o forro não...

Centro de Mar – Um pladur ...

Amadeu Antas – Sim, sim, desse tipo...por dentro aquilo...depois aquelas braçadeiras, faziam as braçadeiras que por exemplo levava um cabo aqui de 10 outro de 20 e depois as braçadeiras eram aqui todas, (eu para desenho nunca prestei para nada), isto é um supor, havia sítios que levava 6 ou 7 tubos, depois faziam por exemplo uma braçadeira, assentavam aqui tinha de ficar direito não é e aqui faziam uma braçadeira assim com um parafuso aqui depois chegava aqui e tau...era metido aqui um parafuso, estas braçadeiras faziam uns moldes, depois viravam, se fosse um corredor que precisasse de...isto era tudo em metal, faziam isto tudo certinho, isto, cabos...havia cabos lá de 30 e 40, eles...a endireitar aquilo tudo, puxar, era preciso um par deles, agora não...

Centro de Mar – Eu já ouvi dizer que era um grande orgulho dos estaleiros a forma como metiam os cabos e os amparavam não é...com as braçadeiras...

Amadeu Antas – E depois por exemplo, se fosse nas anteparas, por exemplo aqui é uma antepara os cabos vinham por aqui e tinha de passar para ali, ali era curado e depois levava uma chapa com esta configuração, uma de cima e outra de baixo, grandes assim, é conforme, presa com uns parafusos, aquilo ali não se conhecia nada, tudo direitinho não é...agora já sabe, agora é assim...

Centro de Mar – E eles este queriam-no todo impecável, olhe diga-me uma coisa, uma vez que o Gil Eannes foi encomendado pelo estado, foi uma obra para o estado...

Amadeu Antas – Era a sociedade...era do bacalhau...do Grémio, do bacalhau, um dos maiores daquilo era o Tenreiro...

Centro de Mar – Mas como o Estado estava metido nisso, é conhecido que o Gil Eannes, havia muita expectativa com o navio e a projetar Portugal como um país...

Amadeu Antas – E depois foi ao Brasil até...

Centro de Mar – E diga-me uma coisa, uma vez que havia esta ligação do Estado havia algum controlo a nível de forças do estado, polícias, alguma coisa para portanto ter...para verificar se a obra estava...

Amadeu Antas – Aí havia, havia, fiscalização, mas isso era em qualquer um, havia do navio...

Centro de Mar – Mas não havia nenhuma presença policial ou de...alguma coisa que não fosse costume nos outros...

Amadeu Antas – O que chegou a haver foi informadores da PIDE, informadores da PIDE, o Estaleiro até...agora nem vale a pena estar a dizer nomes deles nem nada, também não podia afirmar isso não é...mas alguns cuidado que o gajo... e até se deu um caso muito, tão certinho como eu estar aqui...eu nunca fui mentiroso, não é agora dizer isto, já fiz isto, não, eu digo sempre e se às vezes calhar de mentir, demais eu nunca fui regador, gostei sempre de falar mas uma vez que eu tentei ir para a França e estive fora aqui

do Estaleiro quase 4 semanas, e depois eu estive preso era daqueles barcos que iam para a França...eu também fui na Espanha preso depois vim aqui para Portugal eu julguei que vinha para Valença e em Valença viemos num carro policial e Espanha, saímos lá de manhã, chegamos ao fim da tarde quase à noite, já íamos lá longe e depois em Valença estava uma camionete, gente à nossa espera e a gente não sabia e fomos para...meteram-nos no Porto e depois passando dias, 3 ou 4 dias fomos chamados, eu comecei a ser...a fazer perguntas...lá...era da PIDE e eu “oh carago”, vamos lá ver o que isto vai ser, eu por acaso, o tipo lá leu o pergaminho que tinha, “Ai você chegou a trabalhar no Estaleiro...”, cheguei, cheguei...”Em que secção trabalhava?”, trabalhava na serralharia, eu agora estou com baixa e é por isso que coisa, aproveitei que era para...”Também trabalhei”, mas o tipo era um gajo porreiro, um gajo bom...os outros vinham às vezes vinham dar umas lambadas por estar a fatigar mas eu não, sempre até ao fim porreiro diz o tipo, “Olhe, trabalhei na mecânica”, disse-me o tipo e eu até acreditei, “Estive lá para aí um mês e tal e depois vim embora!, cheguei a trabalhar...antes de vir para aqui para a policia, PIDE, Polícia Internacional de Defesa do Estado, depois mudaram de nome mas aquilo era a mesma coisa e depois estivemos a falar e coisa e você porque é que...eu ia porque já tenho um par de filhos não é, e como aquilo está mau era para ver se melhorava a minha situação era só isso que eu agora não me interessa quem está lá ou quem não está ou qualquer coisa... tipo lá escreveu aquilo no fim ainda me cumprimentou e os outros não os cumprimentaram, entraram numa independência tiraram-lhe uma fotografia a fazer de conta que a máquina estava aqui, de frente e do outro lado, foi três fotografias, uma do lado direito, uma do lado esquerdo e outra de frente mas esse tipo era um tipo porreiro, era por isso que eu digo que lá é natural que houvesse, daqui, arredores e coisa...

Centro de Mar – Mas por causa da construção do navio não houve assim nada...era tudo normal...

Amadeu Antas – Não, quando era navios de guerra que se fizeram lá muitos, um par deles é que haviam tipos que estavam, ainda à aí um da Areosa que trabalhava coisa, quando é isto de trabalhar naquela parte que era dos cofres, esse tipo era chamado e...não dizia nada porque tinha lá coisas que não podia

dizer, tinha lá segredos que não podia dizer mas a neste navio não tinha nada assim...que até era um que lhe chamava o marquês, agora esquece-me o nome dele, morava na Areosa, ainda mora...

Centro de Mar – Aí é...cofres dos navios?

Amadeu Antas – Não, não fazia...montava muitas coisas, o irmão dele chegou a trabalhar na mecânica lá, e esse tinha...havia ali um moinho de vento e esse morava nessa casa aí que ainda era sobrinho do padre Daniel, esse tipo que estou a falar, agora até me esquece o nome dele, ainda à pouco tempo estive com ele...mas os outros navios não, não tinham assim...

Centro de Mar – Olhe...e da inauguração do barco, lembrasse de alguma coisa?

Amadeu Antas – Por acaso lembro porque eu também fui não é...mas não é como muitos diziam, porque era muito raríssimo depois do 25 de Abril, alguns iam, excursões, mostravam o navio...em antes do 25 de Abril não se via ninguém a ver lá navios, só se via às vezes o Zé Sequeira que era o mestre geral daquilo...quando foi a inauguração do navio, agora quando é algum navio põem na doca para trabalhar, preso, com aquelas amarras, põem ali a trabalhar às vezes até dias seguidos, ou param ao fim de tantas horas a fazer tipo rodagem, mas o navio naquele tempo não o punham assim, só quando começava a sair...o navio hospital também deram lá começaram...a máquina porque a máquina, o motor de arranque da máquina é aquelas garrafas de ar comprimido e aquilo dá umas descargas grandes que é para fazer mover o motor mas os motores não pegaram, esses motores não pegaram a trabalhar e o barco já estava tudo coisa mas eu lembro-me que saiu um navio para aí a 20 metros ou 30 e ainda se ouvia, a fazer fumo e...a maior parte dos navios levava a reboque e lá é que os punham a funcionar em Lisboa mas o Navio Gil Eannes não pegou a trabalhar à saída foi a reboque, agora não, põem a trabalhar, fazem...porque aquilo agora é muito diferente os navios, agora tem ponto morto, tem carro já sabe, fazer de conta...o motor estava sempre engatado tinha uma alavanca, desde que a máquina fosse a dante ou à ré ao trabalhar a máquina o barco já andava, quando naquelas manobras para a frente, tinham de parar a máquina fazer a engrenagem para trás e pô-lo a

trabalhar outra vez, era só assim, ali na doca quando à vezes era para dar a volta era para, arranca, para arranca, agora a maior parte dos navios tem ponto morto, embora não tenha bem a espécie de uma caixa...vira, põem ali numa posição se for preciso está a trabalhar e aquilo não anda nem para a frente, nem para trás...tem caixa engrenar e desengrenar e o outro não, o outro ligavam, paravam, marcha à ré, paravam o motor aquilo tinha de ser rápido andar de um lado para o outro, fazer a engrenagem pronto punham a trabalhar e já andava mas era assim...

Centro de Mar – E da inauguração o que é se lembra mais, presenças...

Amadeu Antas – Inauguração, quando foi a inauguração também foi um dia de muita chuva...

Centro de Mar – Abençoado então...e lembrasse assim de quem é que esteve, políticos, individuais, gente conhecida...

Amadeu Antas – Quando foi a inauguração do primeiro rebite que fui lá baixo à doca, foi o Américo Tomás...

Centro de Mar – Isso no arranque da construção?

Amadeu Antas – Sim, no arranque ainda estavam aquelas balizas lá em baixo...

Centro de Mar – E no batismo do navio?

Amadeu Antas – Aquilo antes também não era assim de qualquer maneira...

Centro de Mar – Aquilo na inauguração tinha muita gente...

Amadeu Antas – Veio muita gente, é que à muitos que dizem “é pá na inauguração eu subi...”, eu já ouvi um tipo que não vale a pena agora estar a falar “É pá quando eu fui à inauguração dos Gil Eannes andamos por lá, viemos, descemos, íamos para acolá, íamos para ali”, quando foi a inauguração não se via lá ninguém só se via aqueles cabecilhas la dentro porque era tudo...depois já não se entrava mesmo quando o navio já estava quase pronto já uma pessoa ou o guarda punha-se na porta, lá ia e entrava mas já estava tudo fechado ele é que andava com a chaves e tudo e quando esse navio até o Gil Eannes quando estava em construção às vezes lá

aparecia à noite até no serão, lá metia por exemplo esse Zé Sequeira que era o mestre geral daquilo, metia 4 ou 5 da família, lá conhecidos que ele tinha e lá mostrava o navio e andava por ali, aquilo quando um navio está em construção, aquilo é tábuas é ferros eu sei lá tudo aquilo...

Centro de Mar – Muito bem...do Gil Eannes já sabemos tudo, depois disso a evolução que sentiu nos Estaleiros...

Amadeu Antas – E eu também houve ali uma altura que estive quase 20 anos a trabalhar nas máquinas, em máquinas era da serralharia, isto tudo até 6 milímetros, cortar ferro, cortar...porque...eu não queria ir para aí, já estava a trabalhar só o que é que depois lá está, chegaram a vir mais máquinas, a mão de todos não dá nada, aquilo tinha de ser tudo com um pouco de gosto naquilo e tirar muitas coisas da cabeça que se faziam, porque se fosse só chegar à máquina e dobrar a chapa...mas às vezes queriam isto, queriam aquilo, ui Jesus...e eu também estive alguns anos, estive mais ao menos 20 anos a trabalhar nas máquinas, mas as máquinas também estavam ali, aquilo era como se fosse novo...muitos que me conhecia e coisa é que sabem dar o valor e depois de sair das máquinas é que continuei a trabalhar como serralheiro, ainda estive 8 anos a trabalhar na bancada...

Centro de Mar – Ao longo desse tempo todo que trabalhou nos Estaleiros que diferenças é que se foi sentido assim de...coisas boas, coisas más...momentos melhores do Estaleiro, piores...

Amadeu Antas – Naquele tempo era mais pressão...

Centro de Mar – Da parte da administração?

Amadeu Antas – Sim, sim, dos encarregados...tem piada que até tinha aí uns coisas de quando fui castigado lá...uma vez foi castigado 2 dias por estar a afiar uma broca sem óculos, eu estava a trabalhar na doca do barco Pacheco aqui na Doca Comercial e diz um com quem eu estava a trabalhar, “é pá vai buscar umas brocas e não sei quê”, e eu ao ir buscar isso, era só pegar e vir disse “bem vou dar aqui uma afiada”, estava a afiar e apareceu o encarregado que era um mestre, eu olhei “os óculos?”, e assim a pressa e coisa...já eu fui embora, já me mandaram embora por uns dias e no meu lugar deram o

material que era e já foi no meu lugar outro, eu ainda tenho uns cartões desse...uns cartões que tinha de uma vez um tipo lá a fazer limpeza, um guarda que estava no Estaleiro nesta altura que aquilo estava tudo, à poucos anos...ao passar é que viu “é pá, estão aqui uns cartões de vários serralheiros, ei olha para isto, alto, este é fulano...” e até me deu, o homenzinho encontrou-me em Viana e pega á isto eu devo ter para aí, mas ali por qualquer coisinha era assim...cada episódio da coisa, eu agora só contando assim por muito alto, quando estava na ferrugem eu fui, muitos foram embora que não aceitaram os dias e eu não fui embora porque precisava nessa altura mas ainda estive 4 dias sem trabalhar porque temos...isto é um porão, era um navio qualquer para o bacalhau mas eu agora já nem sei, era um barco mas depois tem um duplo fundo tem um porão, e depois tem ali umas portas chama-lhe a porta de visita que é assim um oval cheio de parafusos leva ali uma junta e coisa que é deles às vezes irem lá baixo para fazer limpeza ou qualquer coisa que aquilo depois ali leva água e então quando foi a altura da ferrugem eu fui lá para baixo, eu e outros em antes de entrar o efetivo para a oficina e fomos para ali para aí 6 e diz o encarregado também era da Areosa já vai à muitos anos, diz me ele assim “Olha, tu vais já ficar nesta zona aqui, tem aqui assim...limpas estas cavernas aqui de um lado ao outro...”, antigamente os navios aquilo era tudo em chapa como vinha da fábrica era tudo feito assim, depois é que pintavam aquilo lá, aquelas cavernas, raspavam e pintavam que era o que estava a fazer a raspar que era para depois ir o pintor, aquilo era tudo limpo iam outros tipo limpar aquilo e depois os pintores, agora não, agora a chapa vem em ponto grande, agora como quem diz, vem em ponto grande era toda pintada, cortada e depois naqueles coisas ao cortar, aquilo é oxigénio mesmo que queimasse aquilo era bom para arranjar, retocavam aquilo e já fica bom, o aparelho...mas naquele tempo não, naquele tempo era feito assim em bruto e então eu entrei lá para dentro nesse dia de manhã, entrei eu e os outros já sabiam para onde iam, eles entravam por aqui e eles iam como daqui até ao fim do muro da casa, conforme o encarregado mostrou...eu fiquei logo ali passado para aí quê, meia hora ou uma hora qualquer coisa, eu estava a raspar aquilo, a minha parte, e aquilo tinha uma altura...ficava-me mais ao menos por aqui por baixo, aquela parte ficava-me por aqui por baixo, depois a luz foi a baixo...de ir a baixo, eu peguei, eu assim “carai seria só aqui”, porque a gente ligava as gambiarras de

ligar ao quadro e tínhamos luz, a gente não ia fazer aquilo às escuras o tipo pega, eu pus me a pé do serviço que estava a fazer, não sei se estava a trabalhar a um metro de distância, vim, pus-me ali a olhar nisto vem um tipo, chamavam-lhe o Zé Luis também era marca gancho esse gajo era de Lisboa, lá veio, viu aquilo “É pá, então não se trabalha?”, “Não, Sr.º José Luis a luz foi mesmo agora a baixo, nem um minuto, foi a baixo olhe, só tive tempo de vir aqui, fui lá baixo e a gente não vai agora estra lá metido”, “ E estão muitos?”, digo assim “ Eu estou aqui a apanhar esta zona aqui, tenho que raspar duas cavernas aqui, duas ou três e os outros estão para aí, ali à frente...mas a luz nem à um minuto foi a luz a baixo!”, “chama-os todos”, tinham de passar lá por sítios, só de gatinhas, lá vieram, o gajo pega manda chamar, ele era da montagem, chamou um dele, lá da secção dele, veio logo, parecia...lá veio...”vai chamar o encarregado”, passando para aí 10 minutos estava ali, “olha tira o número de todos estes tipos...”, lá tirou o número a todos, no outro dia de manhã vinha-se para pegar a trabalhar, “Não podes estás suspenso, tu também estás suspenso...”, os tais, os meus colegas...é que depois o tipo ainda baixou, ainda desceu para ver porque não havia luz e eu ainda lhe segurei nas pernas...ele também era alto...estavam a trabalhar, eu no fim de uma semana depois ainda fui lá de dois em dois dias, diz ele “Olha pá podes vir trabalhar na segunda-feira”, e eu “E os outros?”, “Os outros também veem”, quando lá fui a maior parte já não veio para lá, já foram embora, não aceitaram aquilo, foram embora eu fiquei porque enfim...e já não fiquei ali, fui para outro trabalho mas aquilo era muito duro, lá no estaleiro era muito duro...

Centro de Mar – Já agora pegando nisso acidentes de trabalho eram frequentes?

Amadeu Antas – Aí isso havia, havia um tipo...graves e morreram lá alguns, uma vez aqueles que foram queimados lá porque também era aquilo as mangueiras, mangueiras de oxigénio e coisa...aquilo às vezes arreventava aquilo era de qualquer maneira, porque aquilo também havia falta de vistoria...eu quando estava na oficina havia lá um encarregado que era aqui de Perre, chamavam-lhe o Bernabé, “Amadeu a que horas vai embora?”, digo assim “vou embora ao meio dia, agora até vou começar a trabalhar até à uma...”, “então olhe, faça o seguinte essas mangueiras de ar que estão todas a

verter, no sítio onde estão furadas pegue numa faca e corte-as todas”, ele era encarregado, assim foi, quando veio um encarregado “É pá, estão aqui muitas mangueiras que já estão desligadas dos ramais, está tudo a verter...”, havia garrafas de oxigénio, de cortar com o maçarico, aquilo é que é perigoso, que se sentia aquilo...se a gente pusesse assim a mão...veja lá é por isso que aquilo...aquilo tinha uns certos quilos mas vertia num estante e aquilo era perigoso, essas é que eu pegava cheguei a cortar de vez e a chamar e depois dizia ao encarregado, cheguei a largar à uma hora, pegar às duas...disse “olha pá, estão ali umas mangueiras assim cortadas que o Bernabé mandou cortar porque estava tudo a verter, que era um perigo”...pronto eles depois entregavam as mangueiras ou vinha lá um tipo arranjá-las não é...

Centro de Mar – Mas então não havia com frequência...

Amadeu Antas – Castigos, muitos castigos lá...aquele tipo que estivesse a comer o pão ou qualquer coisa que não podia já era castigado...aquilo era muito controlado...

Centro de Mar – E agora para os seus últimos anos que diferenças havia de quando iniciou e já na fase mais moderna não é, 88, 89...portanto que diferenças havia assim de...

Amadeu Antas – Quer dizer nos navios? Depois começou a haver ali umas engrenagens que eu não sei como era começou a haver aquelas engrenagens de começarem a dar a empreiteiros para fazerem...

Centro de Mar – Já se fazia fora e vinha...

Amadeu Antas – Eu uma vez tive um tipo ajudante, enquanto eu estava a ganhar ...eu agora não lhe posso dizer...estava a ganhar por exemplo 4 e o tipo 6 ou 7...era uma coisa ao desbarato...estes empreiteiros que lá estavam, aquilo ali devia de haver alguma engrenagem, umas vez estive de volta de uns tanques maiores que esta...e muito mais altos que esta tenda mas era maior mais comprida então mandaram-me lá por umas cantoneiras por ali fora certinhas que aquilo era para por umas chapas, forrar aquilo...era tudo forrado a chapa zincada, levava assim umas meias canas...aqueles parafusos de apertar...eu estive a espécie de um esqueleto em cantoneira que era para

depois chegar ali e pousar...depois quando vieram os tanques, as partes de cima havia sítios que tinha dedos, aqui a meio...enquanto aqui por exemplo pousava-se uma régua e sentava ali, a meio fazia assim uma diferença, a chapa em lugar de estar a direito estava assim...fui chamar o encarregado, já morreu também morava para a Areosa também me saiu uma boa peça...antes de ir para o estaleiro era amigo e coisa quando foi para o estaleiro amigos continuou mas depois começou a mandar...não me metia com ele nem nada mas ele é que se metia comigo...também já faleceu...mas eu fui chamar, “É pá já viste como estão aqueles tanques?”...”fizeram um tanque não desempenharam nem nada...”, lá foi chamar o Engenheiro, “Eng.º venha lá ver como está isto...”, e diz....como quem diz agora fazei isso, o que é que se fez...agora só para compreender uma coisa, isto tinha de ficar assim aqui era só um bocadinho para não estra encostado ao tanque, levava uma barrinha assim pequenina que era só para pousar aqui que era uma cantoneira e aqui também era tudo em cantoneira, cantoneira é como um L não é? E aqui a meio onde tinha esta, quer dizer aqui as pontas eram postas aqui na ponta e posta ali na ponta direitinha, a meio fazia assim ou o que é que fazia...naquele pedaço da cantoneira estava assim enquanto aqui tinha que levar uma ponta de uma cantoneira assim parece que era dois centímetros e na outra outros dois centímetros...a fazer de conta...nesta ponta e na outra ponta...tinha para aí que 4 metros de comprimento mas aqui a meio já era assim...aqui levava uma cantoneirazinha assim e aqui também não é, na ponta, aqui a meio como ficava assim fazia-se uma cantoneira maior, cotava-se uma cantoneira deste tamanho que era para ficar a direto, está a compreender? E pronto, a estrutura ficou direitinha, a parte de baixo ficou assim e depois a chapa zincada, ficava tudo escondido e pronto, ficava direitinho...mas havia trabalhos assim, isto agora...não que se fizesse em coisa o que era é muito mais bonitos, os navios eram mais bonitos porque enfim, havia outro sistema...porque enquanto antes aquilo era tudo à vista, tinha de ficar tudo...agora como disse cabos e tubos...antes os tubos aquilo, havia tipos que às vezes estavam a por os tubos...é assim que eles querem, os tubos tinha-se de estar tudo direitinho, agora para o fim aqui estava quase a roçar ali já ficava assim e coisa, tanto fazia ali fazia um pescoço em cavalo direitinho, agora já era assim, se não ficasse assim, ficava assim...quer dizer não é que por ali o barco meta água

mas, levava o tal forro, o forro é que encobria tudo...mas antigamente o trabalho era muito diferente disto...

Centro de Mar – Pronto Sr.º Amadeu acho que já temos informação...

Amadeu Antas – Isto foi quando eu uma vez estive no Gil Eannes...aquilo ali também era muito...havia muito malandro ali...mas eu chegava a certo ponto que...

Centro de Mar – No navio? Mas esteve ali com funções?

Amadeu Antas – Sim, sim...estive em funções, pediram e coise e lá fui mas depois como via ali muita amarrecada, deixa-me lá...uma vez vim embora...a Lúcia depois ficou chateada porque agora não sei mas ela também era marca coisa...isto era o que eu tinha às vezes lá que era para entregar, tem aí muita coisa que às vezes até convém...e depois começou a haver uma engrenagem coisa...

Centro de Mar – Há muitos anos?

Amadeu Antas – Não, isto não vai há muitos anos, eles qui nem põem data nem nada, ora deixe-me ver aqui...eu depois tive de ir às finanças pedir uma caderneta de recibos verdes sabe...isto vai mais ao menos em quê...1999, eu nem dizia isso, sabe isto agora, os anos agira é...eu antes o estaleiro, ui, falava-se assim de muitas coisas, mas não era como muitos diziam, o estaleiro isto, o estaleiro aquilo...falava-se nas horas antes de começar a trabalhar...ora bem isto já foi em 1999, já vai mais ao menos há 16 anos que eu estive lá...eu ia dizer que não...agora é a uma velocidade...lá no estaleiro estiveram tipos de bons profissionais, “os tipos dos estaleiros são uns malandros...”, muitos diziam antigamente, são uns malandros, não fazem nada...não é bem assim, eu não quero dizer que às vezes havia tipos que estavam e coisa e lá faziam...não andavam a correr...mas também tinham os encarregados, porque também havia muitos encarregados, uma pessoa quando ia fazer um serviço, o serviço que ia, se fosse por desenho, escrito ou qualquer coisa...dava para fazer, ele até punha a data de quando começou e aquilo tinha-se de se fazer mas também não era...embora uma pessoa não andasse a correr mas...agora por fim, deus me livre...no meu tempo aquilo tinha-se de andar direitinho, uma

vez ia ali pelo meio daquela parte de dentro, interior e depois peguei havia uma parte grande, havia a mecânica que era do lado esquerdo, era fazer de conta, eu estava aqui a trabalhar o lugar de ir por aqui que tinha um pavilhão, fui por aqui...o encarregado “onde vais?”, “vou ali à mecânica...”, por acaso até ia levava qualquer coisa lá, então vais para ali, como quem diz em lugar de ir à volta vens por aqui para ir à mecânica, era assim os gajos...era sempre...chegou ali uma altura que eu ia buscar, também não gostava nada, ia buscar o almoço para o mestre da oficina, chamavam-lhe o Carlos Machado era o numero 170 e tal, era em frente ao café moderno, e então também era um chato, chove-se ou invernassem, qualquer coisa de inverno lá ia eu, botas de água não havia, era um fato de oleado, às 11 horas saía lá do estaleiro trazia sempre um bilhete de saída, chegava à porta e entregava eu ia buscar a comida ao pé do cinema palácio, tocava à campainha, eles mais ao menos já sabiam pela hora...chegava lá entregavam uma malinha assim, deste comprimento e para aí assim desta altura, uma malinha em madeira, mas aquilo muito bem feito...que era a comida para o mestre, eu levava aquilo direitinho e depois tinha de andar sempre, saía às 11 horas do estaleiro, levava e aquilo ficava ali, amanhã quando ia buscar a comida trazia a mala, lá levava a comida na mala e a mala ficava lá para o outro dia...havia um tipo que estava ali no...estava-me sempre a pedir, “faz me uma coisinha assim para mim que depois mando pintar”...eu estava então a fazer uma oval assim que era para por na bicicleta atrás que era para o tipo mandar pintar, metade vermelho e metade verde...eu estava a fazer aquilo e andava um irmão desse mestre do Carlos Machado que também era encarregado lá, que era para botar a mão a um alboio que era para o virar à mão, ou a ponte estava avariada ou qualquer coisa, se eu pego quando o tipo chama por mim eu pego e vou, não, fui burro, desapertei o torno tirei aquilo e meti no bolso, aquilo é uma coisinha assim...ainda deu uma passada veio para trás “o que era que estavas a limar?”, eu não ia dizer que não era nada não é...se eu sei tinha metido uma peça qualquer ou uma dobradiça mas não, olha era isto...para que é isto? “Foi uma pessoa amiga que me pediu a ver se lhe fazia isto já ando há tanto tempo...”, “dê cá isso..”, e deu ao irmão, ainda era o mestre da secção...para quem eu ia buscar a comida de manhã, isto foi num dia de manhã...à tarde, em antes das...as gente largava às 5 horas da tarde chama por mim, veio lá um

chamar, lá fui e passou-me uma descasca e virasse esse mestre, “tu pões te a fazer isto e aquilo...”, o que ele queria era saber se era para vender ou não poraquê havia muitas coisas que chegaram a fazer no estaleiro, biscates que diziam que levavam dinheiro sabe...eu não, era para dar ao gajo....agora também vai ter uma surpresa, eram os bilhetes de saída grandes, tinha o nome, tinha a secção, tinha...até fazia aquilo às vezes pediam para fazer aquela coisa...quer dizer era uma suspensão, era...chamava-se a dispensa, era uma dispensa de x a x ou para sair às 8 ou às 9, ou 10 ou para amanhã nem vir trabalhar ou só meio dia, e aquilo era assinado pelo encarregado e entregou-me ele 6 dispensas segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, trabalhava ao sábado...6 dispensas, depois até quando entreguei aquilo nunca mais me esquece, “então o encarregado, o mestre entrega-te aquilo...”, foi uma dispensa para segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado e deu-me um raspanete...diz ele “isto é por seres bom rapaz e eu também sou teu amigo porque se não fosse teu amigo tu até ias para a rua e até embora não fosses para a rua ficava-te aqui coisa assim, assim vais castigado...”, tive eu 6 dias em casa, bastava só dizer é dispensado de segunda a sábado ou qualquer coisa , ou esta semana e pronto lá foi, estive segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado em casa...e depois quando fui trabalhar eu ia fazer isso mas é que lá está naquela altura...logo quando vieres à minha beira buscar a comida digo assim, não posso...não posso que ando assim doente de uma perna ou então tenho que sair muito mais cedo...eu quando via, até cheguei a ver aí nessa altura eu até coxeava, fiz me de coxo, não sirvo para essas coisas, mas não, chegou a altura depois do meio dia faltava para aí meio dia menos cinco...até já nem sei quem era esse tipo mas isto é a minha palavra de honra eu tenho assim uma ideia...depois mandou outro...e assim foi...

Centro de Mar – Olhe sr. Amadeu tenho que terminar, já temos aqui informação que chegue... Se for preciso podemos voltar a falar consigo...

Amadeu Antas – Se for preciso alguma coisa também...